



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A MANIFESTAÇÃO DO DISCURSO DO RISO NA CENOGRAFIA DE FOTOS- CHARGE NO GÊNERO FOTOJORNALISMO

Júlio César Paula Neves¹

Márcio Rogério de Oliveira Cano²

Resumo: Neste trabalho temos o objetivo de compreender o funcionamento do interdiscurso proposto por Maingueneau (2008) na manifestação entre o discurso do riso e o discurso jornalístico. Buscamos identificar as estratégias que constituem o fotojornalismo, em especial àqueles marcados pelo traço interdiscursivo do humor. Neste âmbito, o humor pode ser compreendido como discurso e definido a partir dos efeitos de sentidos marcados pelo riso punitivo, tal qual aquele riso construído para zombar de alguém ou de uma situação, conforme os estudos desenvolvidos por Bergson (2007) e Propp (1992). Foram selecionadas como o *corpus* da pesquisa publicações de fotojornalismo de mídia impressa da Folha de S. Paulo, no período de 01/2008 a 12/2009, dois anos em que tal mídia publicou fotos marcadas pelo discurso do riso. Desse material, fizemos uma segunda seleção com três discursos que foram analisados, sendo observadas estratégias linguístico-discursivas tais como os traços que constituem a cenografia, o riso punitivo e revelam o posicionamento do enunciador. Os dados obtidos mostraram um entrecruzamento entre os gêneros fotojornalismo e charge, o que chamamos de foto-charge, que constituem enunciadores marcados por um riso violento contra o estereótipo representado na cena ou na situação estereotipada.

Palavras-chave: fotojornalismo; riso; discurso do humor; enunciador.

Abstract: The present work has the purpose of understanding the interdiscourse proposed by Maingueneau (2008) in the manifestation between the laughter discourse and the journalism discourse. We sought to identify the strategies that make up the photojournalism, especially those marked by interdiscursive trait of humor. Within this framework, the humor may be understood as discourse and defined from the effects of senses marked by the punitive laughter, such as that laughter meant to mock someone or a situation, according to the studies carried out by Bergson (2007) and Propp (1992). Photojournalism publications from the press media of *Folha de S. Paulo*, from 01/2008 to 12/2009, two years during which such media has publish photographs marked by the laughter discourse have been selected as the study corpus. From this material, we have made a second selection with three discourses that were analyzed. Linguistic and discursive strategies such as the traits that make up the scenography,

¹ Graduando do curso de Letras Português e Inglês da Universidade Federal de Lavras - UFLA, membro do

² Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP, professor adjunto do Departamento de Ciências Humanas UFLA, coordenador do Grupo de Pesquisa Leitura e Produção de Discurso CNPq/UFLA.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

the punitive laughter, and reveal the positioning of the enunciator have been observed. The data have shown an interrelation between photojournalism and caricature cartoon genres, what we call photocaroons, which are enunciators marked by a violent laughter against the stereotype represented in the scene or in the stereotyped situation.

Keywords: photojournalism; laughter; humor discourse; enunciator.

Introdução

Esta pesquisa se insere nos trabalhos da Análise do Discurso que priorizam o discurso jornalístico, desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Leitura e Produção de Discurso - GPLPD. A priori, temos percebido que o fotojornalismo vem sendo utilizado como forma de projetar a ironia, o humor e o riso. Com isso, nossa ideia foi estudar como, estrategicamente, o sujeito pode ser colocado em situações que provocam riso, o que não quer dizer necessariamente que ele esteja em uma situação cômica. Dessa forma, levantamos a hipótese de que a relação do riso com a imagem possa ser punitiva e violenta. O sujeito, nessas situações que despertam o riso, muitas vezes, mesmo não estando numa posição engraçada, é posto em um lugar em que pode ser percebido de tal forma a comprometer sua imagem, através do exagero e da desmoralização. Em função desse problema, vamos percorrer um caminho para compreender como se estrutura o discurso do riso no gênero fotojornalismo e quais os aspectos que constituem sua cenografia, além da forma como esses traços revelam o enunciador.

Assim, constatamos que o fotojornalismo tem esse papel de veicular uma informação a partir de uma imagem que, por si só ou acompanhada de uma legenda, é capaz de dar sentido a uma notícia, estando presente tanto na mídia impressa quanto na mídia veiculada pela internet. Contemplando o uso desse meio, este trabalho procura contribuir para a formação de um leitor crítico, capaz de identificar e compreender a composição de uma foto-charge, além de desenvolver um olhar consciente por meio da caricatura, do riso punitivo, do exagero e da desmoralização por trás do discurso do riso.

A leitura do fotojornalismo

Realizando uma leitura que contemple elementos do discurso verbal e não verbal, a análise de imagens, fotografias e fotojornalismos é de grande significação para a compreensão de textos que estão presentes na mídia. Partindo do pressuposto de que estamos na *Era digital* e de que as pessoas têm acesso imediato a informações, a TV, a internet, as revistas e os



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

jornais são, entre outros, instrumentos de veiculação de informações e a população utiliza de vários meios para chegar a esses dados.

O *fotojornalismo*, “[...] ligado à leitura da imagem, que hoje é uma das formas mais comuns de comunicação e informação” (FARIA, 2001, p. 217) tem se mostrado um instrumento muito profícuo como suporte nessa veiculação de informações e tem ganhado espaço no campo investigativo, pois é capaz de expressar e significar uma situação com a mesma eficiência e qualidade que o texto verbal. A fonte do nosso material de análise, no caso o jornal Folha de S. Paulo, é um exemplo de que a utilização de fotojornalismos pode ter grande importância para despertar no coenunciador o interesse em adquirir o jornal. Percebemos, então, que pela notícia estampada na capa, através de uma imagem, o leitor deseja saber o restante da notícia no interior do jornal.

Com isso, observamos a partir de Faria (2001) que é na capa de um jornal que aparecem as imagens e as fotos mais bem elaboradas, mais chamativas, a fim de despertar no coenunciador o interesse pela notícia estampada e pelas demais informações contidas naquela edição. A utilização do fotojornalismo é um instrumento que se utiliza do visual sobre o verbal para trazer informações, e tem grande importância na mídia, segundo o entendimento de Faria (2001, p. 18):

Tendo que concorrer com a TV e o rádio na informação imediata (e agora com a Internet), os jornais apresentam uma elaborada organização de suas páginas, sobretudo a primeira, em que o *fotojornalismo* tem um papel de maior importância. Ele é hoje parte integrante da informação impressa e, como qualquer comunicação pela imagem, exige algum preparo do leitor para sua leitura crítica.

Considerando as proposições de Faria (2001) da interação da imagem com a notícia, percebemos a necessidade de se trabalhar com o fotojornalismo com o intuito de contribuir com os estudos desse gênero e suscitar a percepção do leitor, para que este tenha uma sensibilidade diferente ao se deparar com imagens, tanto na internet quanto na TV ou na mídia impressa. No caso da Folha de S. Paulo, o fotojornalismo foi observado como um instrumento muito utilizado tanto na primeira página quanto em seu interior, com uma conexão entre o texto verbal e o texto não verbal.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

O que é o interdiscurso

Para os nossos estudos é importante compreender a noção de interdiscurso por considerarmos que o fotojornalismo é marcado pelo traço interdiscursivo do humor. Pela perspectiva de Maingueneau (2013, p. 62) o *interdiscurso* tem precedência sobre o discurso. Isso significa propor que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos. Ou seja, entende-se que o discurso é atravessado por outros discursos e a partir dessa troca, começa a traçar seu caminho para a construção de sentidos a partir do *corpus* constituído.

Entende-se que é necessária essa relação entre vários discursos para a construção de sentidos de um determinado discurso. Ainda, segundo a ideia de Maingueneau (2013), outros enunciados são comentados, parodiados ou citados para que se construam sentidos no *corpus* analisado. Essa ideia vai depender das especificidades de cada gênero, ou seja, o gênero escolhido vai ter características interdiscursivamente marcadas que são próprias: uma citação em um artigo científico é diferente de uma paródia de uma música, traços que vão compondo e percebendo o interdiscurso na construção de sentidos.

O discurso jornalístico e o discurso do riso

O Discurso jornalístico figura como uma prática social dentro de uma lógica de mercado, que trabalha a informação e o saber como produtos a serem consumidos pelos leitores. Da mesma forma que se compra uma roupa ou um produto qualquer, percebe-se que é o poder de venda que determinará a eficiência e sobrevivência no mercado editorial. (MARCONDES FILHO, 1989; CANO, 2012).

De acordo com os autores, percebemos que o coenunciador, na busca de se manter informado e atualizado, adquire o jornal. Independentemente do tipo de notícia que ele busque, seu maior anseio será o de estar informado, porém, a partir de uma lógica mercadológica, o leitor sente que lhe faltam informações. Tem-se a impressão de que o jornal não proporciona as notícias por inteiro, mostrando ser ele o detentor do poder. Há um efeito de escassez dessas informações, no sentido de que quem estiver consumindo o jornal sinta que precisa comprar jornais a cada dia para que se inteire dos acontecimentos e também detenha o poder, como fala Marcondes Filho (1989, p. 24):



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Junto ao saber transmitido reservadamente dos seus possuidores socialmente confirmados, estes detêm também sua parcela de poder. Informação significa também poder, e no jogo com sua utilização estão implícitas relações de dominação.

Sendo assim, como um ciclo, todos os dias os jornais trazem informações novas ou continuações de dados para que aconteça essa troca pelo dinheiro do leitor, pois é a partir desse ciclo que o jornal se mantém. Outro aspecto que percebemos é que o jornal contém notícias diversas, o que atende a todos os públicos, pois é composto por informes sobre política, economia, esporte, cultura, culinária, entre outros tipos.

Uma das estratégias para que o coenunciador possa continuar sendo envolvido pela notícia e pela informação é a relação com o discurso do riso e, para isso, é necessário compreendermos como se caracteriza o riso. Propp (1992) nos fala de que forma o riso de zombaria condena aqueles que estão, no olhar da sociedade, fora dos padrões aceitos. Ri-se do que é feio, exagerado, das semelhanças e das diferenças, do bobo, porém, tudo é resultado do encaixe que alguém proporciona em relação a um personagem em um contexto cômico. *O riso é uma arma de destruição: ela destrói a falsa autoridade, a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio* (PROPP, 1992, p. 46).

A partir da reflexão de Propp (1992), compreendemos que o riso é usado como uma forma de violência contra aquele de que se quer zombar, muitas vezes não de forma explícita, mas a partir de sutilezas que estão implícitas, no caso, uma imagem que pode causar um estranhamento ao leitor pelo teor cômico. Pode-se dizer neste ponto que sua função é fazer com que o coenunciador ria daquele sujeito que aparece na imagem por causa da situação em que ele está disposto.

Todavia, a construção do riso que ocorre no processo interativo é percebida no interior da cena de enunciação, mais precisamente dentro da *cenografia*.

Uma cenografia é identificada com base em variados índices localizáveis no texto ou no paratexto, mas não espera que ela designe a si mesma; a cenografia se mostra, por definição, para além de toda a cena de fala que seja dita no texto. A noção de “cenografia” adiciona ao caráter teatral de “cena” a dimensão de grafia. (MAINGUENEAU, 2006, p. 253).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Partindo dessa ideia, entendemos que cenografia é a cena na qual de fato, ocorre a interação, fazendo construir imagens que se interagem e se reconstróem e que revelam os posicionamentos ou a posição que o enunciador ocupa no discurso. Com isso, o enunciador é marcado por características que revelam seu posicionamento e ainda, o enunciador é uma instância que se constrói no discurso. Partimos da hipótese de que há um *discurso do riso*, que pode ser apreendido em outros discursos legitimados socialmente, como no *discurso jornalístico* que trabalha com a ideia de verdade, portanto, o discurso apresentado no fotojornalismo tem credibilidade por ser assumido pelo leitor.

A Folha de S. Paulo e um pouco do Brasil naquela época

Hoje, a Folha de S. Paulo ainda é um dos jornais mais vendidos do Brasil, e que nas últimas décadas tem ficado entre os primeiros lugares quanto ao número de exemplares vendidos e o número de assinantes segundo a ANJ - Associação Nacional de Jornais. Pelo fato de nosso *corpus* ter sido retirado das publicações dos anos de 2008 e 2009, vamos nos atentar aos dados daquela época, em que a Folha de S. Paulo ficou em primeiro lugar com a marca de circulação de exemplares por dia em torno de 311.287 em 2008 e 295.558 em 2009, o que demonstra a importância da influência desse jornal no país e na história do Brasil.

A Folha de S. Paulo conta com mais de 90 anos de história, quando foi fundada com o nome de Folha da Noite, época em que surgiu por iniciativa da equipe de redação do jornal o *Estado de São Paulo*. Todas as impressões da *Folha de S. Paulo* eram feitas nas oficinas do *Estado de São Paulo*. Isso ocorre até 1925, quando a empresa adquire sua primeira impressora rotativa. Ainda, nesse momento, cria o jornal *Folha da Manhã*, que funcionou como uma versão matutina da *Folha da Noite* e, em 1949, a *Folha da Tarde*. É no dia primeiro de janeiro de 1960 que esses três jornais se fundem e surge a *Folha de S. Paulo*.

O riso na cenografia da foto-charge

Como vimos anteriormente, é com a cenografia que os sujeitos interagem e que são construídos os sentidos. É nessa cenografia que se estrutura o discurso do riso que revelam o posicionamento do enunciador. Entende-se esse enunciador a partir de um estereótipo que venha a ser tanto o jornalista quanto o jornal. Uma imagem estereotipada e cheia de exageros pode apresentar um grupo de pessoas ou apenas um indivíduo que terá sua imagem exposta e

construída de forma caricata a fim de provocar o riso. É isso que vamos explorar no gênero fotojornalismo abaixo. Vejamos sua reprodução em nosso primeiro exemplo, publicado na Folha de S. Paulo, em 30 de janeiro de 2009.

(Enunciado 1)



» **KARAOKÊ NO FÓRUM SOCIAL**

Os presidentes Hugo Chávez (Venezuela) e Rafael Correa (Equador) cantam com Aleida, filha de Che Guevara; à esquerda, Evo Morales (Bolívia) e Fernando Lugo (Paraguai) observam

Pág. A8

A primeira imagem surge num contexto em que a América Latina estava passando por um momento em que políticos ligados a uma ideologia de esquerda estavam ganhando a presidência em vários países. Em função disso, salientamos que havia um grande conflito entre políticos de esquerda e direita, especialmente no Brasil. Supomos que seria comum que o jornal, sendo uma empresa econômica ligada a uma situação capitalista, começasse a colocar esses presidentes de esquerda em situações que despertam o riso.

Antes de analisar a imagem, é necessário fazer uma contextualização da notícia publicada no interior do jornal para percebermos que nem sempre a imagem, a legenda e o



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

restante da notícia comungam da mesma ideia e produzem o mesmo sentido. A notícia³ no interior do jornal tem o título “MST exclui Lula de evento de presidentes” e fala sobre os quatro presidentes Hugo Chávez (Venezuela), Rafael Correa (Equador), Evo Morales (Bolívia) e Fernando Lugo (Paraguai), que se reuniram para um encontro do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), para discutir a “integração popular” na América Latina, cujo presidente Luiz Inácio Lula da Silva não foi convidado para participar. No mesmo dia, à noite, houve outra reunião, o Fórum Social Mundial, em que o presidente Lula estava presente e fez algumas observações quanto às divergências ideológicas entre o Brasil e os países governados por esses presidentes. Entre as observações levantadas, o presidente Lula disse que era capaz de resolver tais divergências “à mesa”, diplomaticamente. Percebemos então, que a imagem da capa, a legenda e a notícia no interior do jornal não têm uma ligação direta de sentidos, ou seja, a imagem na forma de fotojornalismo juntamente com a legenda foi colocada a fim de produzir outros sentidos.

Nessa imagem percebemos que o riso é construído a partir da legenda que aparece em caixa alta e em letras vermelhas “KARAOKÊ NO FORUM SOCIAL”, que traz a ideia de um momento de informalidade. Quando observamos alguém cantando em um karaokê, pensamos em um momento de descontração, brincadeira, diversão, mas não um Fórum Social que discute assuntos importantes que envolvem a diplomacia entre países. Na imagem, a posição dos presidentes com microfone na boca, fazendo caretas, enquanto outras pessoas observam, também provoca o riso, não um riso de uma situação engraçada, mas uma situação que coloca as pessoas presentes na imagem como se o enunciador dissesse que essas pessoas estão ali para brincar, para uma reunião entre amigos, e não para discutir assuntos relevantes. Com isso, percebemos traços que revelam o posicionamento desse enunciador, que aparentemente é contrário àquela situação ou à ideologia desses políticos.

Outro fato importante de ser analisado, é que a imagem apresenta esses políticos em uma situação engraçada, mas não quer dizer que eles estejam nessa situação, não quer dizer que o assunto tratado ali não seja sério, porém o fotojornalismo consegue produzir esse sentido. Pode-se entender essa estratégia com o fotojornalismo pela ligação entre a imagem e

³ Anexo 1.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

a legenda a partir do jogo de palavras que o enunciador coloca para expressar seu posicionamento.

Uma crítica a políticos pode ser feita de diversas maneiras dentro do discurso jornalístico, tanto explicitamente quanto através de formas mais sutis. O fotojornalismo se apropria do humor para levantar críticas a tais políticos, que ao olhar do enunciador não desenvolve bem o seu papel. Isso nos leva a concluir que esse fotojornalismo não tem como principal objetivo trazer a notícia do “encontro” para discutir a Integração Popular entre esses países, mas ela mesma é em si uma notícia, é como se disséssemos que a notícia em destaque não é o encontro entre os políticos, mas a foto que foi tirada durante o encontro.

Na primeira imagem, podemos perceber indícios de que excessos, expressões faciais e posições engraçadas mostram certo exagero caricatural que é comum da charge. Por isso, supomos que estamos tratando aqui de uma subversão do gênero fotojornalismo para uma cenografia que traz a charge como forma de interação. Dessa forma, podemos falar sobre essa cenografia como algo parecido com o que o jornalista Rafael Venâncio chamou de *foto-charges* (2008)⁴, que seria uma tendência do jornalismo, principalmente da Folha de S. Paulo, que resulta da manipulação da cena real utilizando apenas o foco e o enquadramento escolhido pelo fotógrafo. Teríamos, então, uma reorganização da cenografia com características próximas às de charges, que pressupõe um olhar crítico por meio da caricatura e do riso.

Diante disso, fica fácil constatar que a imagem não precisa necessariamente interagir com a legenda ou com a notícia no interior do jornal e está presente na capa apenas para ridicularizar o sujeito que tem sua imagem exposta. Muitas vezes o sujeito presente no fotojornalismo é um famoso, um político, ou alguém cujo jornal queira colocar em evidência e buscar então ridicularizá-lo através da caricatura e do exagero.

Nossa próxima análise foi extraída da capa da Folha de S. Paulo publicada no dia 31 de janeiro de 2009 e que também tem como alvo políticos de outros países, no caso, o presidente dos Estados Unidos Barack Obama e seu vice Joe Biden.

⁴ Fonte disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/as_fotocharges_e_as_orelhas_de_chavez/>. Acessado em: 15 de fev. 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

(Enunciado 2)



Mais uma vez podemos perceber o percorrer de um caminho de cenografia de foto-charge que segue o raciocínio de que a imagem por si só ou acompanhada da legenda é a própria notícia e que difere das informações do texto escrito. A foto foi tirada justamente no momento em que o presidente dos Estados Unidos passa por cima de flores para poder cumprimentar algumas pessoas que assistiam a um evento na Casa Branca. Vale ressaltar que nessa época os Estados Unidos estavam começando a se recuperar da crise no sistema bancário que desestabilizou a economia de todo o país e que refletiu em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.

A cenografia novamente é construída a partir de características que vão dando sentido à imagem. Nota-se que a cena é composta por diversos elementos que proporcionam o riso, mais uma vez, não o riso por se tratar de uma situação cômica em si, mas uma situação sofrida por uma autoridade, por um homem de poder que é colocado em uma situação em que sua autoridade é transformada em riso. Pela disposição dos pés e das mãos, o presidente Barack Obama foi fotografado como se estivesse dançando e pulando as flores que formam um cercado. O seu vice também está disposto no lado direito da imagem como se estivesse aplaudindo a cena. Logo atrás, há duas mulheres em que uma aparece como se estivesse dançando também e com a boca aberta, acompanhando o ritmo do presidente dos Estados Unidos enquanto a outra mulher está séria apenas observando a cena. Isso nos leva à



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

percepção de Propp (1992, p. 29) quanto aos diferentes aspectos do riso e do riso de zombaria.

Aqui veremos que é possível rir do homem em quase todas as suas manifestações. Exceção feita ao domínio dos sofrimentos, coisa que Aristóteles já havia notado. Podem ser ridículos os aspectos da pessoa, seu rosto, sua silhueta, seus movimentos.

Podemos dizer, então, que os movimentos, as formas e as disposições dos sujeitos na imagem podem apresentar o teor cômico e despertar o riso. Essa imagem pode ter sido arranjada na capa do jornal como forma de colocar Barack Obama numa situação em que ele não seja percebido simplesmente como uma autoridade, mas visto como aquele que comete erros e que deixou a crise chegar aos EUA. Logo, o enunciador mais uma vez revela seu posicionamento a partir do tipo de imagem que seleciona para colocar na capa do jornal e o efeito de sentido que pode provocar em quem lê, de forma que o leitor poderá aderir ou não ao posicionamento do enunciador.

O último fotojornalismo que recortamos para compor nossa análise foi retirado da capa da Folha de S. Paulo, do dia 18 de novembro de 2009 e traz Cesare Batisti que foi integrante do PAC (Proletários Armados pelo Comunismo), grupo radical de esquerda que atuou durante os anos 70, na Itália, quando várias leis foram editadas em reação a tais movimentos que queriam derrubar o poder italiano pela luta armada. Batisti que estava preso no Brasil desde março de 2007 veio refugiado quando foi condenado a prisão perpétua na Itália pelo envolvimento em quatro assassinatos, que ele nega e afirma não ter tido oportunidade de se explicar sobre essas acusações. O fato é que o STF (Supremo Tribunal Federal) estava em um impasse quanto à extradição ou não do ex-militante, cuja decisão final deveria caber a Lula, presidente do país na época, gerando muita polêmica.

(Enunciado 3)



» JUÍZO FINAL
O terrorista italiano Cesare Battisti, que faz greve de fome, recebe congressistas na prisão; STF retoma seu julgamento hoje e deve autorizar extradição, mas deixar decisão para Lula. Págs. A6 e A7

Na imagem acima foi possível detectar alguns traços começando pela legenda que está escrita em vermelho e em caixa alta “JUÍZO FINAL” que faz relação com o que estamos chamando de foto-charge em que o sujeito se encontra com a Bíblia Sagrada nas mãos, como se estivesse a caminho de um julgamento pautado pelo juízo final, visto negativamente pelo enunciador, a partir do adjetivo utilizado para se referir a Cesare Battisti “terrorista”, como se o enunciador dissesse que agora o italiano não teria escapatória e que o juízo final seria o último caminho para a condenação.

Se repararmos na feição de Battisti, podemos perceber que a fotografia foi tirada no momento em que ele franziu a testa, parecendo que estava fazendo careta e com cara de resignação. Essas características poderiam causar o riso, não um riso engraçado, mas no sentido de ironia, como se o enunciador quisesse passar a imagem de um falso arrependimento, como se Battisti estivesse sendo irônico ao ser fotografado nesse momento.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Podemos perceber que há uma quebra de expectativa e que essa feição é um dos instrumentos utilizados por esse enunciador, como vimos em Bergson (2007, p. 20):

É essa contorção que importa, é ela que interessa. Por isso, será procurada até nos elementos da fisionomia que são incapazes de movimento, na curvatura de um nariz e mesmo na forma de uma orelha. É que a forma, é para nós, o desenho de um movimento. O caricaturista que altera a dimensão de um nariz, mas que respeita o seu formato, que o prolonga, por exemplo, no mesmo sentido que já o prolongava a natureza, de fato está fazendo esse nariz caretear: a partir de então nos parecerá que o original também quis prolongar-se e fazer careta.

Essa careta que foi flagrada na fotografia é que pode provocar o riso. Com isso, está presente uma foto-charge que pretende fazer o coenunciador aderir ao posicionamento do enunciador sem culpa, através do humor, como se ele também condenasse o julgado dizendo que ele está errado e deve ser extraditado. Ainda seguindo a teoria de Bergson (2007, p. 3), é possível criar esse efeito cômico, pois todos se tornam insensíveis na cena e essa “[...] é a insensibilidade ordinária que acompanha o riso.” mais uma vez podemos perceber tais características como traços que compõem o posicionamento do enunciador. E é nessa cena que se revelam os traços que se constituem o posicionamento, uma vez que o jornal está ligado a questões ideológicas que demonstram suas preferências quanto a determinados grupos políticos.

Com efeito, não é mais com uma simples foto-charge que o leitor interage, mas com uma imagem caricaturada e estereotipada que o enunciador colocou ali. A partir do momento em que o leitor ri da imagem ele interage com o enunciador, de forma que eles riem juntos do sujeito exposto na foto-charge e o coenunciador assim adere ao *posicionamento* do enunciador, ou seja, alguém que nos chama a rir junto, alguém com quem construímos uma relação momentânea de cumplicidade para rirmos de um terceiro, que não percebe seu corpo deslocado da conduta normal. O que pode ser caracterizado como essa “insensibilidade ordinária” proposta por Bergson (2007).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Considerações Finais

Nessa pesquisa mostramos que há uma linha na Folha de S. Paulo que revela um posicionamento ligado a um grupo social e econômico contra certos grupos estereotipados que são construídos pelo riso, como aqueles que têm uma linha ideológica diferente.

Percebemos que estrategicamente o sujeito é colocado em situações que provocam riso, o que não quer dizer necessariamente que ele esteja nessa situação, porém essa relação do riso com a imagem pode ser punitiva e violenta. O sujeito, nessas situações que provocam o riso, muitas vezes, mesmo não estando numa posição engraçada, é posto em um lugar em que pode ser percebido de tal forma a comprometer sua imagem, através do exagero e da desmoralização.

O uso do fotojornalismo é utilizado como uma estratégia para despertar o interesse no leitor, para que ele compre o jornal e tenha acesso à notícia na íntegra, mesmo que não haja uma ligação direta entre a imagem, a legenda e o texto no interior do jornal. Os personagens dos fotojornalismos são colocados em situações caricaturais, ridicularizados, diminuídos. O que nos fez detectar o uso de foto-charges que são resultados da manipulação de uma cena real utilizando apenas o foco e o enquadramento escolhido pelo fotógrafo e que possuem traços de uma charge pelo teor cômico.

Têm-se “o riso” como forma de fazer com que tanto o enunciador quanto o coenunciador da Folha de S. Paulo riam dos sujeitos pelas atitudes patéticas, acabando com a autoridade e com a história, mostrando como o riso os deixa nessa situação. De certa forma, punindo por uma conduta equivocada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação da comichade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CANO, Márcio R. de Oliveira. *A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico*. São Paulo: PUC-SP, 2012. 185 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Língua Portuguesa – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2012.

_____. *O discurso da violência no jornal e sua manifestação no fotojornalismo*. In: XII Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación, 2014, Lima. XII Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Alaic: Lima, 2014. v. 1. p. 1-21.

FARIA, Maria Alice. A leitura do jornal e do fotojornalismo. In. MARINHO, Marildes (Org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. ampliada. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª. ed. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes, 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia*. 2ª ed. São Paulo: Ática. 1997.

PROPP, Vladimir I. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora F. Bernadini, Homero F. de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

VENÂNCIO, R. D. O. (2008). As foto-charges e as orelhas de Chávez, Acesso em 23 de jan. de 2016. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/as_fotocharges_e_as_orelhas_de_chavez>.

SITES

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (2015). *Os maiores jornais do Brasil*. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

FOLHA DE S. PAULO. *Oito décadas de história da Folha, do Brasil e do mundo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/cronologia.shtml>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

ACERVO FOLHA DE S. PAULO. <<http://acervo.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

Anexo 1

A8 brasil

SEXTA-FEIRA, 30 DE JANEIRO DE 2009

FOLHA DE S.PAULO

MST exclui Lula de evento de presidentes

Em outro encontro, brasileiro reconhece divergências entre países, mas diz que eles são capazes de resolver problemas 'à mesa'

Declaração de petista foi uma resposta a críticas recebidas em encontro do MST, que reuniu Chávez, Morales, Lugo e Correa

ANA FLOR
ENVIADA ESPECIAL A BELÉM (PA)

Em um encontro ontem à noite com Hugo Chávez (Venezuela), Fernando Lugo (Paraguai), Evo Morales (Bolívia) e Rafael Correa (Equador), no Fórum Social Mundial, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva reconheceu divergências entre os países, mas disse que todos eles são capazes de "sentar à mesa" e resolver os problemas. As declarações foram uma resposta do petista a críticas recebidas à tarde em um encontro com os quatro presidentes —do qual o brasileiro foi excluído—, promovido pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) para discutir a "integração popular" na América Latina.

"Temos divergências, mas é melhor ter divergências e sentar em torno de uma mesa e resolver do que aquele tipo de governo em que parecia que estava tudo bem e era um enganando o outro. Agora é o jogo da verdade", afirmou Lula.

O petista fez questão de citar todos os quatro presidentes e as diferenças entre seus países e o Brasil. Começou por Lugo, que à tarde foi mais duro com o brasileiro. "Lugo sabe que tem divergência com o Brasil. Reconheço que temos divergências, mas nós nos respeitamos para sentar numa mesa e encontrar uma solução que atenda aos interesses dos dois povos", disse.

À tarde, Lugo trouxe à tona as disputas com o Brasil em torno da hidrelétrica de Itaipu. "Não acredito que um tratado leonino firmado no tempo da ditadura [vá nos separar]. Lula não pode dizer não a um preço justo e também à livre disponibilidade dessa energia." Ao falar em "livre disponibilidade", Lugo reforçou a reivindicação pelo direito de vender a quem quiser sua parte gerada pela binacional. Hoje o Brasil fica com 95%.

Já "preço justo" tem a ver com a discussão do preço que o Brasil paga pela energia que compra do Paraguai (45% do



Os presidentes Evo Morales, Fernando Lugo, Hugo Chávez e Rafael Correa e o coordenador do MST João Pedro Stedile, em Belém



Participante do Fórum Social Mundial em área perto do evento

produzido em Itaipu), atrelado ao pagamento da dívida que o país vizinho contraiu no governo brasileiro para a construção da hidrelétrica. Ex-bispo, Lugo foi eleito em 2008 e conta com o apoio do MST para mudar o contrato de Itaipu.

À noite, Lula falou ainda sobre como foi atacado quando defendeu Morales em meio à nacionalização do gás bolivia-

no. Disse que chegou a ser chamado de "frouxo". "Eu jamais iria permitir que um metalúrgico de São Paulo fosse brigar com um índio boliviano."

O presidente brasileiro ainda deu por encerrada a divergência com Rafael Correa, em relação ao empréstimo do BNDES ao Equador —em dezembro, em um evento no qual Lula estava presente, Correa criticou o

É melhor ter divergências e sentar em torno de uma mesa do que aquele governo em que parecia que estava tudo bem e era um enganando o outro

LUÍZ INÁCIO LULA DA SILVA

Não acredito que um tratado leonino, do tempo da ditadura [vá nos separar do Brasil]

FERNANDO LUGO
presidente paraguaio, sobre Itaipu

Brasil pelo empréstimo. "Nós tivemos divergência com Rafael Correa. Fomos resolvê-la numa mesa de negociação, cada um respeitando sua soberania."

Ainda afirmou que mantém "possivelmente" a melhor relação com a Venezuela de Hugo Chávez que o Brasil já teve. "Eu ando o mundo defendendo o Chávez, porque todo mundo é contra o Chávez. Quero dizer

que tenho orgulho de ser o presidente que mantém possivelmente a melhor relação com a Venezuela que o Brasil já teve."

No evento à noite, os quatro presidentes, que falaram antes de Lula, reforçaram a ideia de que a culpa da crise econômica é dos países desenvolvidos e apontaram como uma solução o socialismo que têm tentado levar adiante em seus países.

No lugar de um debate sobre a crise financeira, o evento acabou virando uma série de discursos dos presidentes, como tradicionalmente ocorre. Mais de 8.000 pessoas compareceram, muitas delas militantes petistas e de centrais sindicais.

O encontro do MST à tarde oficialmente falaria da Alba (Alternativa Bolivariana das Américas), criada por Chávez em 2001 como reação à Alca (Área de Livre Comércio das Américas), e que não tem a adesão do Brasil. Apesar de ser a explicação dada pelo MST para não chamar Lula, a Alba acabou desaparecendo do encontro.

➔ LEIA MAIS B8

entrevista

Para sociólogo, fórum deveria ser nos EUA

DA AGÊNCIA FOLHA, EM BELÉM

Um dos principais intelectuais de esquerda do país, Chico de Oliveira diz que para o Fórum Social ganhar repercussão parecida com a que teve anteriormente ele deveria ser realizado nos EUA. (CM)

FOLHA - A crise econômica tende a fortalecer o fórum?

CHICO DE OLIVEIRA - A crise abre um flanco para uma crítica contundente. Se o fórum fizer isso, benefício do fórum. Se ficar maquiando [a discussão], prejudica muita coisa. É claro que faz algum tempo que ele declinou um pouco, perdeu centralidade na agenda. Tentaram passar para a África, mas não deu certo. Não teve a mesma repercussão. Agora, de fato, a crise econômica abre uma crítica que o fórum já vinha fazendo. E a fratura é exposta. Depende da habilidade da crítica.

FOLHA - O Fórum Social pode transformar as realidades que discute?

OLIVEIRA - Não. O fórum transformou a forma de cooperação de organizações sociais, movimentos, até partidos. Tornou-se uma Internacional [Socialista] não partidária. Só transformará [realidades] se essas organizações, agora articuladas, forem capazes de processar esses novos recursos.

FOLHA - O senhor vê uma relação entre o contexto internacional em 2001 e o de hoje?

OLIVEIRA - Se o pessoal do fórum de fato quisesse inovar, deveria ter feito ele nos EUA. Porque daí você surtaria na crista da onda do Obama. E botava os conflitos norte-americanos na agenda do fórum, porque eles nunca estão.